

IDEAU

**A FLAUTA DOCE EM MEIO A PRÁTICA DE CONJUNTO
INSTRUMENTAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA**

**SWEET FLUTEAMONG INSTRUMENTAL SET PRACTICE IN
BASIC EDUCATION: AN EXPERIENCE REPORT**

**LA FLAUTA DULCE EN LA PRÁCTICA DEL CONJUNTO
INSTRUMENTAL EN EDUCACIÓN BÁSICA: UN RELATO DE
EXPERIENCIA**

Giácómo de Carli da Silva

Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: professorgiacomodecarlidasilva@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1446-2260>

RESUMO

O presente relato de experiência busca mostrar como uma curta experiência docente de um mês em uma escola pública municipal do estado brasileiro do Rio Grande do Sul pôde motivar alunos a aprender música, através da inserção do instrumento musical flauta doce em uma prática de conjunto instrumental escolar. Para tanto, referenciais da Educação e da Educação Musical foram utilizados para avaliar o percurso dessa experiência e os resultados dessa experiência que se mostrou de grande valia para os cerca de 120 estudantes que dela participaram e para o professor de música que a desenvolveu. Nesse sentido, trouxe-se no referencial teórico, os três estados do capital cultural proposto pelo sociólogo Pierre Bourdieu, com o intuito de balizar o resultado do presente relato de experiência. Assim, como resultado, observou-se de grande importância, a readaptação da metodologia proposta em sala de aula para que os estudantes crianças, adolescentes e adultos conseguissem aprender noções básicas da técnica da flauta doce “Articulação, respiração e dedilhado” através da música Baby Shark do grupo Pink Fong.

Palavras-chave: Flauta Doce. Educação Musical. Escola Básica.

ABSTRACT

This experience report aims to show how a short one-month teaching experience in a municipal public school in the Brazilian state of Rio Grande do Sul was able to motivate students to learn music, by including the recorder in a school instrumental ensemble practice. To this end, references from Education and

DOI:10.55905/reiv5n2-006

Submitted on: 6.14.2025 | Accepted on: 6.18.2025 | Published on: 7.22.2025

Music Education were used to evaluate the course of this experience and the results, which proved to be of great value to the 120 or so students who took part and to the music teacher who developed it. In this sense, the three states of cultural capital proposed by sociologist Pierre Bourdieu were used as a theoretical reference to guide the results of this experience report. As a result, it was very important to readapt the methodology proposed in the classroom so that children, teenagers and adults could learn the basics of the recorder technique “Articulation, breathing and fingering” through the song Baby Shark by the group Pink Fong.

Keywords: Recorder. Musical Education. Basic School.

RESUMEN

Este informe de experiencia busca demostrar cómo una breve experiencia docente de un mes en una escuela pública municipal del estado brasileño de Rio Grande do Sul motivó a los estudiantes a aprender música mediante la inclusión de la flauta dulce en un conjunto instrumental escolar. Para ello, se utilizaron marcos de referencia de la Educación y la Educación Musical para evaluar el desarrollo de esta experiencia y sus resultados, que resultaron de gran valor para los aproximadamente 120 estudiantes que participaron y para el profesor de música que la desarrolló. En este sentido, se utilizaron las tres etapas del capital cultural propuestas por el sociólogo Pierre Bourdieu como marco teórico para guiar los resultados de este informe de experiencia. Como resultado, la readaptación de la metodología del aula resultó fundamental para que niños, adolescentes y adultos pudieran aprender los fundamentos de la técnica de la flauta dulce (articulación, respiración y digitación) a través de la canción "Baby Shark" de Pink Fong.

Palabras clave: Flauta Dulce. Educación Musical. Escuela Primaria.

1 INTRODUÇÃO

Primeiramente o autor informa que o presente texto já foi publicado anteriormente como capítulo de livro. Assim, segue-se o texto. A prática docente na escola básica para o ensino de música tem sido muito debatida nas últimas décadas no Brasil, com o objetivo de propor melhores formas de se ensinar música nesse estágio da formação musical inicial dos estudantes da educação básica, principalmente utilizando-se métodos alternativos de aprendizagem. Pensa-se que ensinar música, é aprender a tocar um instrumento musical de forma exímia, sem erros de performance. Dessa forma, especialmente muitos

estudantes adultos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), se sentem sem motivação a aprender.

Alguns estudantes não tinham condições financeiras de adquirir um instrumento musical, bem como, alguns eram vulneráveis em seus meios sociais. Devido ao tempo direcionado para garantirem sua subsistência trabalhando, esses estudantes - adolescentes e adultos - não conseguiam tempo para garantir um pequeno tempo, motivação e concentração para o estudo do instrumento musical, em casa, devido ao pouco tempo que têm para realizarem suas tarefas domésticas e mais ainda e importante, descansar física e mentalmente do trabalho e dos estudos das demais disciplinas escolares, onde não requerem tempo de estudo reservado para prática física, sendo apenas para a teoria e prática mental.

O trabalho com crianças, adolescentes e adultos, os quais foram o foco dessa experiência, é diferente. Contudo, o respeito, a paciência para ensinar e a capacidade de malar, discutir e readaptar o método de ensino, deve sempre ser o mesmo, uma vez que uma pequena parte dos cerca de 120 estudantes que contemplaram o 1º e o 2º ano do ensino fundamental regular e do 6º ao 9º ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA), tinham modos e velocidades de aprendizado distintos.

A presente experiência ocorreu durante o mês de outubro de 2019 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Otávio Rocha, em Estância Velha, no estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Cada aula teve a duração de uma hora e trinta minutos semanais para cada turma, durante quatro aulas para cada turma.

A experiência teve como objetivo utilizar e promover o ensino do instrumento musical flauta doce soprano (Figura 1), modelo barroco, através da música Baby Shark do grupo Pink Fong com crianças de 7 a 8 anos de idade, adolescente a partir dos 15 anos de idade e adultos de 18 aos 60 anos de idade.

Figura 1: Flauta doce soprano, modelo barroca.



Fonte: <https://www.musicacenter.com.br/flauta-yamaha-doce-soprano-barroca-em-do-yrs24b-900/p>

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico dessa experiência docente consiste em dois autores da sociologia da educação. O primeiro, François Dubet, ao realizar uma curta experiência docente em uma escola pública periférica da cidade de Paris, na França, durante a década de 1990, constatou a necessidade de manter os estudantes com atividades para que não dispersem sua atenção (Peralva; Sposito, 1997).

Durante a presente experiência que se apresenta, muitas foram as ocasiões em que os estudantes tanto crianças, quanto adolescentes tiveram que serem chamados à atenção para as tarefas que estavam sendo desenvolvidas e quando estavam aguardando a próxima tarefa, pois já haviam terminado a tarefa anterior. Tarefas adicionais tiveram-lhes que ser passadas para que não dispersassem.

Ao mesmo tempo em que os estudantes eram ensinados pelo professor de música, o mesmo aprendia com eles através de trocas de conhecimento. Lev Semyonovich Vygotsky (1998), através de suas teorias behavioristas, especificamente a sociointeracionista, onde o mesmo descreve um aprendizado onde o conhecimento não flui apenas do professor para o estudante, mas

também do estudante para o professor. Esse caminho de educação abre caminho para uma educação híbrida onde o conhecimento flui de forma leve e eficaz, tanto do professor para o estudante, mas também do estudante para o professor.

Conforme mencionado na introdução, muitos estudantes não tinham condições de estudar, bem como de adquirir o instrumento musical flauta doce por questões financeiras. Para tanto, o professor providenciou com meios próprios cinco flautas doces para a aula, junto dos demais instrumentos musicais apenas para a EJA, como teclado, pandeiro, chocalhos, meia-lua, ganzá e escaleta, os quais o professor também já vinha trabalhando com os alunos, com as sete turmas.

Para as turmas de 1º e 2º ano deixou-se apenas a flauta doce e o canto para essas quatro aulas com a música Baby Shark devido ao foco. Posteriormente a essa experiência, retomou-se os demais instrumentos com essas turmas.

Os demais instrumentos serviram para complementar a prática instrumental em sala de aula, não apenas para a exploração de outras sonoridades e técnicas ao instrumento musical, mas também para que todos os estudantes tivessem um instrumento em mãos para tocar, visto que o número de flautas doces providenciadas pelo professor era insuficiente para todos de cada turma, em seus períodos de aula de música, tocarem juntos e ao mesmo tempo. Assim, formou-se a prática de conjunto instrumental escolar, com a flauta doce soprano barroca.

O sociólogo Pierre Bourdieu (1979), propôs a teoria do Capital Cultural, onde o mesmo propõe três estados para se adquirir o capital cultural. O primeiro, chamado de Capital Objetivado, o indivíduo, no caso aqui, o estudante de música que nasce dentro desse capital, tem condições de comprar instrumentos musicais, pagar por aulas de música, assistir a shows musicais que cobram valores consideráveis como forma de ingresso, dentre outras possibilidades.

No segundo estado, denominado por Bourdieu (1979), de Estado Incorporado, é aquele em que o estudante aprende música e a fazer instrumentos musicais de forma autodidata, sem a necessidade de um professor

de música o orientando, bem como, ter a auto vontade de procurar e conviver em meio a grupos musicais de diversos gêneros, por exemplo.

Por fim, Bourdieu (1979), descreve o terceiro e último estado do Capital Cultural como Estado Institucionalizado. Nesse estado, como é possível deduzir-se pelo seu próprio nome, é o estado onde o estudante de música buscará certificar-se com diplomas o seu conhecimento procurando cursos de curta duração, cursos técnicos, graduações e pós-graduações na área da música. Indo de encontro ao campo social dos cerca de 120 estudantes envolvidos, diferentes formas de capital social se manifestaram entre eles, durante as aulas de música dessa experiência.

Todos esses aspectos do Capital Cultural descrito por Bourdieu (1979), foram levados em consideração para ensinar esses estudantes, bem como, avaliar seus diferentes ritmos de aprendizado, especialmente no público adulto que já tinha uma outra rotina fora da sala de aula, diferente da maioria dos adolescentes e de todas as crianças envolvidas nesse aprendizado.

3 LITERATURA

É sempre imperativo falar sobre educação musical aplicada à escola de educação básica, uma vez que a música, mesmo após a implantação da Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008 (Brasil, 2008), que alterou o artigo 26 da Lei de Bases e Diretrizes Educação de 1996 (LDB), entrou de forma obrigatória na escola, a mesma, a Música, não se encontra em todas as escolas de educação básica do Brasil.

Vale analisar que a Lei de nº 13.278 de 2 de maio de 2016 (Brasil, 2016) que determina a música sendo parte do componente curricular Arte, não exclui a música como componente curricular obrigatório da Educação Básica, uma vez que a lei nº 11.769 de 2008 não foi vetada.

Para a formação dos professores de Música, existem cursos de graduação, as licenciaturas em música. Ainda há, atualmente, uma grande dificuldade de estudantes desses cursos, de levarem o conhecimento musical e didático musical adquirido durante as cadeiras teóricas da graduação, para a

prática nos estágios curriculares, normalmente ao final do curso. É o que explica Zuraída Abud Bastião (2012), ao afirmar que:

A falta de articulação entre as disciplinas teóricas e as práticas, ministradas respectivamente no início e no final dos cursos de licenciatura em música, tem dificultado o processo de formação docente para atender à crescente procura por professores de música para a educação básica brasileira. Geralmente, os conflitos dos licenciandos giram em torno da dificuldade de aplicação das teorias aprendidas no início do curso nas intervenções práticas que costumam ocorrer nos dois semestres finais (Bastião, 2012, p. 61)

Para o presente trabalho, também se considerou de extrema importância, que os alunos, desde o momento da primeira aula com a flauta doce e os demais instrumentos, tivessem contato direto com esse instrumento musical, tocando-o e praticando a teoria que foram trabalhadas. Foram trabalhadas as técnicas de respiração, dedilhado e articulação para a flauta doce. Foi de grande importância que os estudantes demonstrassem interesse em aprender a tocar o instrumento musical primeiro, para que não desanimassem com teorias e técnicas maciças de aprendizado.

Mesmo os estudantes não tendo a escolha de desistir das aulas de música, uma vez que a mesma fazia parte do currículo escolar obrigatório deles, pensou-se em adaptação da metodologia para que os estudantes crianças, adolescentes e adultos, aprendessem a melodia da música Baby Shark, de forma saudável sem grande preocupação com a qualidade do som em um primeiro momento, o que muitos conseguiram com o tempo desenvolver.

Joel Luis Barbosa (1996) observou a importância de se ensinar o estudo do instrumento musical, desde o momento em que o aluno pega no instrumento pela primeira vez, na primeira aula de música, ao invés de começar-se com a teoria musical e depois a prática instrumental, fazendo essa segunda alternativa, os estudantes em grande parte desistem das aulas de música ou não demonstram interesse pelas mesmas (Barbosa, 1996). Dessa forma, Barbosa (1996), sugere um ensino coletivo para os alunos:

O ensino coletivo gera um certo entusiasmo no aluno por fazê-lo sentir-se parte de um grupo, [...], causa uma competição saudável entre os

alunos em busca sua posição musical no grupo, desenvolve as habilidades de se tocar em conjunto desde o início do aprendizado, e proporciona um contato exemplar com as diferentes texturas e formas musicais (Barbosa, 1996, p.41)

Ao refletir sobre o que Barbosa (1996) nos fala sobre competição saudável, é importante lembrar que o mundo acadêmico e performático musical, no Brasil atual, é muito pequeno e extremamente competitivo. Nossa atuação como docentes reais de música e não uma espécie de tapa furo em escolas básicas se torna mais importante ainda, uma vez que a Educação Musical não é valorizada e não faz parte da cultura base do Brasil.

Assim, indo para as escolas de educação básica e passando conhecimentos musicais para os estudantes e aprendendo com eles, futuramente teremos uma grande procura e reconhecimento da docência em música nas escolas básicas de ensino através dessa população que passa pelas aulas de música no currículo escolar obrigatório. O cerne para a mudança de paradigmas está na escola básica e não em altas tecnologias investidas muitas vezes pelo poder público, apenas no ensino superior.

Indo mais a fundo, a música além de ser importante para o desenvolvimento cognitivo das pessoas, ela promove a socialização das mesmas, promovendo-lhes uma desenvoltura social em termos relacionais entre indivíduos, melhor.

4 A FLAUTA DOCE NA ESCOLA BÁSICA PARA O 1º E O 2º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EJA

A constituição dessa experiência docente, contou com a realização de quatro aulas realizadas durante o mês de outubro de 2019, tendo cada aula uma hora e trinta minutos de duração aproximada, semanalmente, para cada turma. Contou como já mencionado, com cerca de 120 estudantes de sete turmas escolares do ensino fundamental distribuídas da seguinte forma: uma turma de primeiro ano com estudantes com idade de sete anos; duas turmas de segundo ano com estudantes com idade de 8 anos; quatro turmas da Educação de Jovens

e Adultos (EJA) equivalentes aos anos finais do ensino fundamental – 6º ao 9º ano – com idades que variam dos 15 aos 60 anos de idade, aproximadamente.

O número de estudantes de cada turma dos anos iniciais do ensino fundamental (1º e 2º anos) que fizeram parte dessa experiência foram em média, 24 alunos por turma, devido a algumas transferências ocorridas durante o processo. Já nas turmas da EJA, a diferença foi maior devido à evasão. Turmas que começaram com cerca de 20 ou mais estudantes no início do semestre letivo em julho de 2019, fizeram parte no momento da experiência em outubro do mesmo ano, 9 estudantes.

As quatro turmas da EJA que fizeram parte das aulas variaram de 9 a 22 estudantes assíduos, por turma. Como os alunos já estavam em pleno processo de aprendizado musical havia alguns meses com o professor de música, instrumentos musicais e técnicas já trabalhadas anteriormente, foram agregados à prática da música Baby Shark do grupo Pink Fong.

A escolha dessa música adotada pelo professor deu-se pelo fato de que os alunos do 2º ano constantemente, ao irem nessas aulas anteriores, sentar-se ao instrumento musical teclado, tocavam com poucas notas “teclas”, a melodia dessa música. Dessa forma, o professor observou que os estudantes gostavam dessa música que foi levada para o 1º ano e para à EJA, onde foi bem aceita. Na EJA, os estudantes apenas se cansaram da música durante o processo das quatro aulas, que foi substituída apenas depois das quatro aulas destinadas para o aprendizado à ela, por músicas do interesse de cada turma.

Devido ao fato de se dispersarem mais e com mais facilidade, com os estudantes de 7 e 8 anos dos anos iniciais, focou-se mais no canto da música com as notas musicais da mesma na flauta doce barroca soprano. Com esses estudantes menores em idade, assim como com os adolescentes e adultos da EJA, trabalhou-se a música na tonalidade de sol maior (Figura 2) para apenas agregar a posição das notas musicais compreendidas no dedilhado da mão esquerda da flauta doce, sendo esse dedilhado mais inicial e fácil para as crianças, bem como, já trabalhado anteriormente durante as aulas de música na escola.

Figura 2: Partitura da música Baby Shark em Sol Maior



Fonte: Professor de Música dos anos iniciais (1º e 2º) e EJA da EMEF Otávio Rocha, 2019

Dessa forma, para a música Baby Shark, começou-se passando aos estudantes dos anos iniciais a nota musical “sol” com os três furos posteriores superiores e o furo anterior da flauta doce, fechados. Nas aulas de música anteriores, que não fizeram parte dessa experiência docente, a nota musical inicial ensinada a esses estudantes menores na flauta doce, foi a nota musical si, com o furo anterior e o primeiro furo posterior da flauta doce, fechados e assim seguiu-se até chegar-se a nota musical ré, com apenas o segundo furo posterior do instrumento musical, fechado.

Na sequência, a partir da nota musical sol, voltando à prática da música Baby Shark, os estudantes foram-lhes ensinados a articular (tocar) as notas musicais lá, com o furo anterior e os dois primeiros furos posteriores da flauta doce, fechados, bem como a nota musical dó, com o furo anterior e o segundo furo de sua face posterior, fechados. Junto, a força do sopro para cada nota

musical, foi-lhes passada de modo que entendessem que quanto mais dedos colocassem na flauta doce, grave e pesada a nota ficava, fazendo com que soprassem menos para que a nota musical soasse melhor para que a nota não estourasse.

Assim seguiu-se até a nota musical dó, onde os alunos foram instruídos a soprarem um tanto mais forte para que a nota musical acontecesse. Concomitantemente a força do sopro, foi demonstrada pelo professor de música aos estudantes, que para cada nota musical – cada troca de dedilhado – eles deveriam soprar (articular) novamente como se estivessem falando as sílabas “tu” ou “de”.

Como houve uma adaptação do tom da música para que se encaixasse nas notas musicais que os estudantes já haviam aprendido a tocar na flauta doce (sol-lá-si-dó-ré), visto que no meio da música, a mesma, do tom de sol maior modula para o tom de ré maior, sendo a única a nota musical que havia para se aprender era a nota musical dó suspenso com apenas os dois furos posteriores superiores do instrumento tapados.

A representação dos furos e notas musicais da flauta doce e das notas musicais ensinadas aos estudantes antes e durante essa experiência (sol – lá – si – dó – ré), de acordo com a figura 3. Nessa figura, os furos pretos dentro representam os furos tapados pelos dedos. Os furos contidos dentro do contorno do corpo da flauta doce representam os furos ditos posteriores do instrumento musical, tapados quando necessário, pelos dedos indicador, médio e anelar da mão esquerda. Já o furo desenhado fora dos limites do contorno do instrumento musical, representa o furo anterior, na parte de trás da flauta doce, onde quem o tapa, é o polegar esquerdo.

Figura 3: Notas da mão esquerda na flauta doce soprano barroca



Fonte: <http://musicandomais.blogspot.com/2012/10/as-notas-primeiras-notas-na-flauta-doce.html>

Durante as aulas de música dessa experiência docente, como os estudantes já conheciam essa canção “Baby Shark”, os mesmos, em grupos de quatro a cinco colegas por vez executavam a música na flauta doce. Devido ao fato de não haver instrumentos musicais para todos (mais de 20 por turma), os demais colegas cantavam a letra da música “Baby shark, doo doo doo doo doo doo” e faziam os gestos coreográficos da canção com a mão e os braços, mexendo o quadril de forma mais lenta para acompanhar os colegas que estavam em fase inicial de aprendizado dessa música, que não a tinham ouvido ou cantado, ainda.

Para a EJA, além do mesmo aprendizado passado aos estudantes de 7 e 8 anos de idade, os estudantes adolescentes e adultos de idades variadas – entre 15 e 60 anos de idade – além da flauta doce, sem o canto, agregaram à prática instrumental da música Baby Shark os instrumentos musicais teclado eletrônico, surdo, pandeiro, meia-lua, ganzá e chocalho. Os estudantes em todas as aulas das quatro turmas da EJA que foram utilizadas para essa experiência, foram organizados em formato de meia-lua para organizar a prática de conjunto instrumental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as aulas, adaptações tiveram que serem feitas. Devido à falta de prática instrumental em casa por não terem o instrumento musical, em todas as aulas, os ensinamentos tinham que ser todos revisados e refeitos. Como segurar a flauta doce, como colocar os dedos nos furos e lembrar-se de soprar somente o necessário, são alguns dos exemplos que se fizeram necessários serem revisados no início de cada aula.

Com os adolescentes e os adultos, os mesmos tiveram mais tempo para praticarem em aula, devido ao fato de terem tido à época da experiência, menos estudantes por turma, diferente dos estudantes menores que muitas vezes tocavam em uma semana e na outra não, para que todos os demais colegas de classe tocassem ao menos uma vez esse instrumento musical. Considerou-se importante que todos os estudantes de todas as turmas tocassem ao menos uma vez o instrumento musical flauta doce, para que tivessem contato com ele.

O Capital Cultural (Bourdieu, 1979) de alguns estudantes no sentido de terem ou não condições financeiras de adquirirem o instrumento musical flauta doce, mesmo esse instrumento musical sendo de baixo custo de aquisição, era uma realidade presente nessa escola, especialmente no público adulto, porém, poucos foram os casos.

Tanto para o 1º e o 2º ano, quanto para a EJA, no que tange a articulação do sopro no instrumento musical, para alguns estudantes que não estavam conseguindo articular as notas musicais e sim ligá-las, explicou-se para fazerem com a língua “tu – tu – tu” o que teve resultado positivo.

Nas turmas do 1º e do 2º ano, muitas foram as ocasiões que teve que ser chamada a atenção dos estudantes devido ao fato de não focarem na aula. Como Dubet (Peralva, 1997), fala sobre “dar atividades aos estudantes para que não se dispersassem”, para essa experiência a metodologia utilidade foi criar um círculo na sala de aula com os estudantes e suas cadeiras, sem as classes. Dessa forma, ficou mais fácil interagir com os estudantes e eles retribuírem.

Como o professor e aplicador das aulas já era formado em Música - Licenciatura na época, o mesmo considerou importante o fato apontado por

Barbosa (1996) onde os estudantes dessa graduação têm grandes dificuldades de articular os conhecimentos teóricos adquiridos na academia com as disciplinas práticas da mesma. Isso para o professor e aplicador da experiência, ainda ocorria com grande incidência de casos no ano de 2019, 23 anos após a publicação da pesquisa de Joel Luis Barbosa, em 1996.

Para ambos, observou o professor aplicador da experiência é extremamente importante os professores de música que atuam em ambientes de ensino regular, se desvencilharem de conceitos técnicos em excesso para se trabalhar em sala de aula, uma vez que a prática instrumental supervisionada por um professor de música nesse ambiente de aprendizado é mais importante do que a técnica e teorias extremas ensinadas nas academias de música brasileiras.

Para o professor desenvolvedor desse relato, não basta ter um diploma de graduação em Música - Licenciatura se não houver no profissional que se forma com esse título, a experiência docente real em uma escola pública real, onde as metodologias de ensinar desse profissional, em muitas ocasiões, serão testadas no mundo real, bem como, em muitas ocasiões, terão que ser replanejadas para o ensino em questão. Quando Vygotsky (1998) fala em sociointeracionismo, o mesmo fala sobre aprender com os estudantes, assim como os estudantes aprendem com o professor.

Foi assim que foi escolhida a música Baby Shark, uma vez que alguns estudantes do 2º ano que já tiveram aula de música antes e durante essas aulas relatadas aqui, em outras instituições de ensino que não a Escola Municipal de Ensino Fundamental – EMEF Otávio Rocha, em Estância Velha/RS, tocavam a melodia e ritmo dessa música no teclado eletrônico e os demais colegas acompanhavam cantando e coreografando.

Assim, o professor de música captou o gosto dos estudantes menores para lhes ensinar algo que gostassem para lhes atrair mais ainda para a aula de música, o que foi estendido ao público da EJA, por se tratar de uma peça musical fácil para a flauta doce. Sendo assim, essa peça foi uma ótima escolha para se trabalhar com estudantes em estágio inicial do aprendizado musical, no instrumento musical flauta doce.

6 CONCLUSÃO

Para a experiência docente que se apresentou, o principal princípio considerado foi a empatia com os estudantes em conseguir observar suas respectivas dificuldades de aprendizado e adaptar os conteúdos musicais para os mesmos. Observar o gosto musical dos estudantes e o ambiente onde estão inseridos é fundamental para se ter um bom diálogo com os mesmos e fazer o conhecimento teórico musical, mas principalmente prático musical, fluir de forma livre e saudável.

O professor de música deve ser versátil e compreender que em uma sala de aula convencional, principalmente da rede pública de ensino, o conhecimento musical acontecerá de forma mais lenta, porém não menos rica e produtiva que em uma escola formal de música ou na academia. Os estudantes não falam, mas mesmo que eles aprendam por mês uma única nota musical ou algo novo, principalmente para os alunos menores dos anos iniciais e até da educação infantil, é algo grandioso e maravilhoso para eles.

O ensino de música nas escolas brasileiras é algo que deve sempre estar presente, pois a música une não somente as pessoas, mas também o que elas sentem e não conseguem falar. Para ter amor, precisamos da relação entre as pessoas. Para a música acontecer, precisamos de relações entre pessoas, disse uma vez Rudolf-Dieter Kraemer, um importante teórico musical (Kraemer, 2000).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Joel Luis. Considerando a Viabilidade de Inserir a Música Instrumental no Ensino de Primeiro Grau. *Revista da ABEM*, Londrina, v.3, n.3, p. 39-49, 1996. Disponível em: <<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/490>>. Acesso em 2019

BASTIÃO, Zuraida Abud. Prática de conjunto instrumental na educação básica. *Revista Música na Educação Básica*, Londrina, v.4, n.4, p. 58-69, 2012. Disponível em: <<https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/134>>. Acesso em 2019

BOURDIEU, Pierre. Lês trois états du capital culturel. In: BOURDIEU, Pierre (org). *Actes de la Recherche en sciences sociales*. Paris: Boulevard Raspail, 1979. p. 3-6. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1979_num_30_1_2654>. Acesso em 2019

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Casa Civil: Brasília, DF, dez. 1996. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em 05 de nov. 2019

BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Institui a obrigatoriedade do ensino de música na educação. Casa Civil: Brasília, DF, ago. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm>. Acesso em 05 de nov. 2019

BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Casa Civil: Brasília, DF, mai. 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm>. Acesso em 20 de jan. 2020

DUBET, François. *Sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

PERALVA, Angelina Teixeira; SPOSITO, Marília Pontes. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.5, Mai/Jun/Jul/Ago 1997, n.6, set/out/nov/dez, 1997. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a18.pdf>>. Acesso em 2019